

Hermann o Irascível **A História do Grande Pranto**

Foi na segunda década do século vinte, depois de a Grande Peste assolar a Inglaterra, que Hermann o Irascível, também conhecido sob a alcunha de o Sábio, assumiu o trono britânico. A Doença Mortífera aniquilara toda a família real, atingindo a terceira e a quarta geração, até que, assim, Hermann décimo quarto de Saxe-Drachsen-Wachtelstein, trigésimo na ordem de sucessão, tornou-se, finalmente, soberano dos domínios britânicos no aquém e além-mar. Ele era um desses fatos inesperados que sucedem na política, e ele sucedeu plenamente. Por diversas razões, Hermann era o mais progressista monarca a assumir um trono importante; os outros, antes que se descobrisse onde estavam, desapareciam sem deixar rastro. Até mesmo seus ministros, progressistas — ainda que o fossem por tradição — julgaram difícil acompanhar suas propostas legislativas.

"Na verdade", reconheceu o primeiro-ministro, "essas criaturas partidárias do voto feminino dificultam o curso do trabalho; elas atrapalham nossas reuniões por todo o país e estão transformando Downing Street em um salão de festas de confraternização política".

"Devemos combatê-las", disse Hermann.

"Combatê-las...", continuou o primeiro-ministro, "Isso mesmo; exatamente. Mas como?"

"Eu lhe apresentarei um projeto de lei", proferiu o rei ao sentar-se à máquina de escrever, "determinando que as mulheres votem em todas as eleições que se seguirem. Preste atenção: determinando que elas *votem*, ou, sendo mais claro, que elas terão de votar. O voto será, como antes, opcional para eleitores do sexo masculino; mas todas as mulheres entre vinte e um e setenta anos serão obrigadas a votar não apenas nas eleições para o Parlamento, Conselhos Distritais, Conselhos de Condado e de Paróquias e Câmaras Municipais, mas também para peritos criminais, inspetores de escola, secretários de igreja, curadores de museus, autoridades sanitárias, intérpretes judiciais, instrutores de natação, firmas empreiteiras, regentes de coro, superintendentes de regulação de mercado, professores de escolas de arte, sacristãos de catedrais e outros cargos públicos que acrescentarei à medida que me ocorrerem. Todos eles terão de ser designados por processo eletivo e, à eleitora, será imputada multa de 10 libras pelo não-comparecimento a qualquer eleição que abranja a área de sua residência, a não ser que ela apresente atestado médico que o justifique. Aprove este projeto de lei nas duas Câmaras do Parlamento e traga-o, depois de amanhã, para que eu o assinie."

Desde o primeiro momento, a Concessão Compulsória ao Direito do Voto Feminino despertou pouco ou nenhum entusiasmo até mesmo em membros das alas mais radicais do movimento de reivindicação. A massa de mulheres do país mostrou-se indiferente ou contrária à agitação e as sufragistas mais intransigentes passaram a se questionar sobre o que tinham visto de tão interessante em depositar cédulas eleitorais numa urna. Nos distritos, a tarefa de cumprir as disposições da nova lei foi um tanto extenuante; nos vilarejos e cidades, ela se tornou um pesadelo. As eleições pareciam não ter fim: lavadeiras e costureiras tinham de, apressadas, interromper o trabalho para votar quase sempre em candidatos de quem nunca tinham ouvido falar, escolhendo-os ao acaso; balconistas e garçonetes madrugavam para poder votar antes de dirigir-se ao emprego. As mulheres da alta sociedade viram-se impossibilitadas de comparecer a seus compromissos devido à constante necessidade de presença aos locais de votação; também as festas de final de semana e as férias de verão tornaram-se, aos poucos, um luxo exclusivamente masculino. Quanto ao Cairo e à Riviera, apenas mulheres realmente inválidas ou extraordinariamente ricas poderiam ter acesso a tais destinos, pois o longo período de ausência levaria ao acúmulo de uma série de multas de 10 libras — uma eventualidade a que até mesmo as ditas abastadas dificilmente arriscariam submeter-se.

Não era de se espantar que a organização feminina contra a concessão ao direto de voto tenha se tornado uma resistência tenaz. O número de adesões à Liga Contra o Sufrágio atingiu a casa do milhão; as mulheres estampavam o símbolo do movimento — as cores verde-amarelado e o antigo escarlate — em todos os lugares; e o grito de guerra — “não queremos votar” — tornou-se um refrão popular. Como a luta pacífica parecia não sensibilizar o governo, elas passaram a utilizar métodos mais violentos: atrapalhavam reuniões, em bando, atacavam ministros, mordiam policiais, recusavam refeição comum nas prisões e, na noite de comemoração da Batalha de Trafalgar, amarraram-se por toda a extensão da coluna de Nelson, de forma que se teve de renunciar à habitual decoração floral. Contudo, o governo estava absolutamente convencido de que as mulheres deveriam votar.

Então, como última cartada, uma mulher encontrou uma solução em que, por mais estranho que pareça, ninguém havia pensado antes. O Grande Pranto estava formado. Revezando-se em turnos, dez mil mulheres por vez passaram a chorar incessantemente nos espaços públicos da metrópole. Choravam nas estações de trem, no metrô, nos ônibus, na National Gallery, no Exército e depósitos da Marinha, no St. James Park, durante apresentações de cantata, na Prince’s Arcade e na Burlington Arcade. A magnífica montagem da farsa "Henry’s Rabbit", até então a de maior sucesso, foi ameaçada pela presença de mulheres cujo choro enfadonho ouvia-se nas poltronas das primeiras filas, nos balcões e galerias; e um dos mais extraordinários casos judiciais de divórcio, há anos sob julgamento, foi ofuscado pela atitude lamuriosa de uma parte do público.

"O que há de se fazer agora?" perguntou o primeiro-ministro. A essa altura, a cozinheira derramara lágrimas sobre toda a louça do café da manhã e a babá retirara-se prostrada, chorando em silêncio, para levar as crianças passear no parque.

"Tudo tem seu tempo", respondeu o rei, "a colheita deve ser feita na hora exata. Aprove uma medida nas duas Câmaras destituindo as mulheres do direito de voto e traga-a depois de amanhã para que seja submetida à minha aprovação."

Enquanto o ministro se retirava, Hermann o Irascível, também conhecido sob a alcunha de o Sábio, deu uma profunda e contida risada.

"Existem várias maneiras de se derrubar um adversário." E acrescentou: "Mas estou praticamente certo de que a mais eficaz seja dando corda para que ele se enforque".

*Saki (pseudônimo de Hector Hugh Munro 1870-1916)
Tradução: Ricardo Vagnotti*